

O Tempo Voa...

por Mário Soares

Num mundo global as notícias sucedem-se, sobrepõem-se e invadem-nos, através das televisões, das rádios, da internet, dos jornais. Quem queira acompanhar o evoluir das situações, na suas diversas vertentes, é, necessariamente, confrontado com a dificuldade de triagem das informações que nos chegam, mesmo sem as procurar, e com o embaraço da escolha. Para o comentador, mesmo eventual, como é o caso, essa é a verdadeira questão: o embaraço da escolha.

*

1. Portugal

Comecemos, como deve ser, pela Pátria. O clima político e psicológico mudou. Como a linguagem, as prioridades, a maneira de abordar - e tentar resolver - a crise que nos afecta, há três anos a esta parte, em contínuo agravamento. As dificuldades, muito sérias, subsistem, obviamente. Mas o pesadelo passou, com a derrota da Coligação de Direita, liderada por Santana e Portas.

Este foi o primeiro choque que Sócrates e o seu Governo provocaram na sociedade portuguesa: a situação mudou. Diria, radicalmente. Com o comportamento, sóbrio e controlado, do primeiro ministro, com o discurso, contido, directo, de poucas palavras e os compromissos calendarizados assumidos, com frontalidade e clareza. O Governo vai governar com o seu programa - não com o das Oposições - repetiu Sócrates no discurso e no debate que sustentou, brilhantemente, na Assembleia da República. Mas vai saber ouvir, dialogar, concertar com os parceiros sociais, tendo em conta o rigor financeiro e apontando como objectivos o crescimento económico e políticas sociais de verdadeira coesão nacional: luta contra a pobreza, melhoria das pensões de reforma para os idosos; incentivos para os jovens licenciados entrarem mais facilmente no mercado de trabalho e nas empresas.

Sente-se que por detrás do discurso do Governo há informação, conhecimento, vontade política e determinação. Esperemos que a conjuntura europeia ajude - nomeadamente com uma revisão flexível do Pacto de Estabilidade e Convergência - e que a evolução económica internacional, dada a subida do preço do petróleo e a grave situação da economia americana, não venha a ensombrar-se mais ainda do que está...

*

2. A seca

Vivemos em Portugal dois graves problemas (inesperados?) que nos irão afectar muito: as alterações climáticas, que explicam a seca excepcional e os grandes estragos que estão a provocar na agricultura, a que assistimos durante todo este inverno (primaveril); e o acréscimo (inusitado?) da criminalidade violenta nos bairros problemáticos das grandes urbes e o tráfico ilegal de armas, já com alguma sofisticação, postos em evidência com o assassinato de dois polícias na Amadora. São situações que requerem uma intervenção imediata do Governo.

A seca já deu lugar a incêndios de florestas, no norte do país - coisa raríssima, nesta época do ano - verificando-se assim que as promessas feitas no verão passado de defender preventivamente as florestas (limpando-as) e os parques naturais não passaram de uma retórica vazia. São precisas medidas urgentes para evitar novos incêndios, envolvendo, porventura, a sociedade civil (sobretudo os jovens) no projecto patriótico de salvar o que resta do nosso património florestal.

Quanto à criminalidade e à segurança das pessoas - ao reforço dos efectivos policiais e dos meios ao seu dispor - foram ditas pelo primeiro ministro, no debate na Assembleia, palavras certas e sensatas. As medidas seguir-se-ão com rapidez, espero.

*

3. Duas lacunas

Num debate como o que se travou - globalmente com elevação, diga-se - na Assembleia da República, no dia 21, não houve tempo para falar de tudo. Mas notei duas lacunas, que importa registar: uma política portuguesa para o mar, já que tantos estão preocupados com uma política

euro-atlântica. Não apenas no plano estratégico-militar mas, sobretudo, no domínio do aproveitamento dos seus imensos recursos inexplorados.

Outra lacuna diz respeito ao incremento da CPLP e à intensificação do relacionamento de Portugal com os países lusófonos e à divulgação da língua e cultura portuguesas, através de uma política de verdadeira cooperação - em todos os domínios - nessa vasta área que, em termos europeus, representa uma imensa mais valia para Portugal. Aliás, o Secretário de Estado da tutela, agora escolhido, João Gomes Cravinho, que conhece o sector, pela sua excepcional qualidade intelectual e competência, é um garantia que aí também haverá uma mudança significativa.

*

4. A União Europeia

A "digestão" dos novos dez Estados membros prossegue com as dificuldades conhecidas. Não é fácil. O salto foi enorme e tem suscitado a atracção de outros países europeus: a Turquia, alguns dos novos países saídos da ex-Jugoslávia, a Roménia, a Bulgária e agora, a prazo, a Ucrânia. O que é complicado. E não ficaremos por aí...

É por isso que o de debate sobre a aprovação dos referendos nacionais à Constituição Europeia é tão importante e actual. Sem instituições fortes e bem definidas não será fácil o processo em curso de integração europeia. Sou a favor do sim à Constituição, sem hesitações, porque se trata de um passo essencial para o avanço de uma União Política, Cultural, Social e também Económica que, verdadeiramente, ainda não existe. E, ainda, para afirmar a União Europeia como uma "grande potência", com peso crescente no Mundo, dada a riqueza da sua diversidade, o valor do seu projecto de integração voluntária de velhas nações rivais, o peso da sua economia e a especificidade do seu modelo próprio de paz, de crescimento económico e social e de bem estar.

Regresso de Paris e de Genève onde encontrei muita gente, políticos e jornalistas, da minha área ideológica, mas não só. A discussão sobre sim ou não à Constituição, em França, segue brava, com fortes argumentos de um lado e de outro. Como em outros países. No dia em que regressei, uma sondagem dava, em França, o não como ganhante. Espero que o sim triunfe, como em Portugal estou seguro acontecerá. Seria um estímulo decisivo para o Reino Unido como os jornais ingleses salientam. E para todos os outros países membros, acrescento eu.

*

5. A Espanha

José Luis Rodriguez Zapatero, celebrou um ano de Governo. A Espanha mudou e fervilha de iniciativa e progresso. A Espanha das autonomias e nacionalidades, reconhecidas como tal, a Espanha descentralizada está a fazer um grande salto no seu próprio aprofundamento democrático, que a União Europeia segue com imensa atenção. É, necessariamente, amiga e aliada de Portugal. Temos interesses convergentes: na Europa, no Mediterrâneo, na América Latina, no Atlântico, que importa desenvolver. Zapatero e Sócrates tiveram um encontro em que, como se diz, "a corrente passou". Temos muitas coisas em comum, que importa acentuar, com independência. Espero que isso seja uma mais valia importante e equitativa para os dois países ibéricos. Há que desenvolver e explorar esse relacionamento que tem, como sabemos, uma vertente económica importantíssima, fazendo com que o mercado ibérico integrado - que é hoje uma realidade - seja equilibrado, beneficiando ambas as partes por igual, esquecidos os preconceitos do passado.

Zapatero, para assinalar um ano em que tanto mudou em Espanha (desde a retirada das tropas do Iraque, um exemplo que está a ser seguido e parece contagiante), fez um gesto simbólico em relação á Europa em que entrou como assinala "Le Point", "na corte dos grandes", ao lado de Chirac, Schröder e Putin. Para falarem da grande Europa, que inclui naturalmente a Rússia, da paz, do desenvolvimento sustentado e do Mundo. Zapatero, num ano, passou de jovem líder simpático a um verdadeiro homem de Estado, que merece o respeito dos próprios adversários. Porquê? Porque mostrou ter firmes convicções, sabe o que quer, é dialogante, rodeou-se de uma excelente equipe de Governo, e não se deixa ir na corrente do "politicamente correcto". Tem respostas para as grandes aspirações populares e, face ao pensamento neo-liberal, aposta, com coragem, no caminho do desenvolvimento sustentável e da justiça social. Como Socialista que se preza de ser.

Lisboa, 25 de Março de 2005